2.º Anno — Lisboa, 4 de Janeiro de 1886 — Numero 25

# A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

## SUMMARIO



UMA RUA DO BUSSACO

# CHRONICA

Conversando d'este mesmo varandim comtigo, faz hoje exactamente um anno, disse-te eu, leitora, que 1884 morrera como tinha vivido, cholerico e tristonho, e que 1885 nascera como aquelle, pallido, anemico, sombrio e agoirento. Pintando-te a largos traços o que fôra o anno defunto, durante a sua miseravel existencia prenhe de ruins paixões, de egoismos torpes, de odios intensos, de luctas demolidoras, de calumnias villans, de invejas mesquinhas, de rancores profundos e de insultos asquerosos; fazendo, em quatro palavras, a synthese d'aquelles 366 dias improductivos, que nos trouxeram desenganos cruelissimos e nos vibraram golpes tremendos, pela mão negra e desapiedada da adversidade, vaticinámos desde logo que o anno nascente, levantado sobre as ruinas enegrecidas d'aquelle que a nossos pés tombára, havia de levar-lhe a palma em tristezas e lutos, em desgraças e miserias.

O vaticinio cumpriu-se. A negra prophecia realisou-se infelizmente, como viram. Gerado n'um ventre impuro, nascido em ruins entranhas, e trazendo impresso no seu corpo, todo aleijões e deformidades, o sello do vicio, da podridão ruinosa, e do cynismo requintado, o successor de 1884 viveu para corromper e matar, para contaminar e polluir. Apresentando-se tristonho e sinistro, com o regaço desprovido de flores e os labios vasios de sorrisos, não podia infiltrar-nos dentro d'alma o balsamo suavissimo das grandes consolações vivificadoras nem o prazer das grandes alegrias communicativas. Chorão de nascença e de familia, passou a vida a fazer chorar os outros; perverso por indole, levou doze longos mezes a judiar com a humanidade; revolucionario por temperamento, apesar da tuberculose que lhe ia corroendo os ossos, agitou as nações até aos confins do Oriente, promoveu conflictos assustadores e terriveis.

Sem produzir nada bom e util, nem fazer jus a uma menção honrosa na Historia pela pratica de qualquer acto meritorio, d'esses que se assignalam em letras de oiro refulgente e provocam as benções do genero humano agradecido, o patife deu-lhe para se mostrar traiçoeiro, villão-ruim, miseravel, bulhento e antipathico. Apavorou os espiritos fracos com dansas macabras de estrellas lá pelo azul mysterioso e insondavel do firmamento; inimistou a Hespanha e a Germania, a Inglaterra e a Russia, a Servia e a Bulgaria, a França e a China, a rainha Victoria e o rei Thibó, Grévy e os Hovas, os conservadores hespanhoes, os republicanos francezes, os progressistas da Parvonia, o Papa e o carlismo, Bismarck e a Europa inteira, e no fim de tudo isto, quando estava já de pés para a cova, cercado pelas maldições das suas victimas, isolado de responsos e de benções, malquistado com romanos e gregos, desata-se a trucidar reis e principes, arremessando-os cruelmente para a voragem negra do tumulo, como se a sua obra aniquiladora e nefasta não estivesse ainda completa, e quizesse provar a impotencia da realeza diante do seu dominio devastador.

O scelerado achára pouco agitar o solo em estremecimentos terriveis; convulsionar a terra alastrando-a de ruinas e de cadaveres; apavorar o occidente da Europa com o espectro d'uma epidemia cholerica; abrir milhares de covas, onde se lançaram em medonho *pêle-mêle* as pobres victimas da peste assassina; arrastar os povos ás convulsões de guerras fratricidas sob climas inhospitos; preparar o fermento d'uma conflagração geral e horrivel, que ha de explodir, fatalmente, em não muito remoto futuro; manipular, nos mysteriosos laboratorios da diplomacia, as mil intriguinhas villãs, que transformarão, talvez, o mundo n'um vastissimo campo de batalha.

Quasi a sumir-se nas sombras densas do nada, quiz que o epilogo da sua obra, tão complexa e tão monstruosa, fosse o aniquilamento de duas realezas sympathicas. Já no estertor da ultima agonia, levantou do leito mortuario a cabeça livida, onde se debuxavam as côres sinistras d'além-tumulo, passou-lhe pelos labios amarellos um sorriso mephistophelico, e a sua mão tremula e descarnada, d'unhas aduncas como o bico d'uma coruja, teve ainda forças para abalar em Hespanha o throno de S. Fernando, e para sepultar junto de nós, no algido pantheon de S. Vicente, um principe illustre e magnanimo.

Taes foram, a largos traços, os feitos porque se recommendou ao nosso odio profundissimo e ás figas da humanidade inteira, esse monstrosinho da era christã, já defunto, esse amalgama repugnante de podridões, de rancores, de venenos e de vicios immundos, que até ha pouco *fazia* a Avenida, pelas tardes frias de dezembro, de camaradagem com Elvira Guerra, a gentil *écuyère* do Colyseo, e a sr.ª Maria Carolina Pereira, a novata-amazona do Gymnasio.

E' de crer que ninguem o tivesse acompanhado á cova, nem mesmo o sr. Ramalho Ortigão, como representante do *Gabinete Portuguez de Leitura*, do Rio de Janeiro. Annos d'aquella asquerosa laia, atiram-se para a vala rasa dos cemiterios, sem padre que lhes resmungue o ultimo reponso na hora solemne do enterramento, nem prestito escolhido, que lhes recite panegyricos posthumos nos ambitos tristonhos e humidos da necropole sombria.

Com certeza, o famoso author das *Farpas* não foi ao Alto de S. João, acompanhar a tumba negra e desconjuntada, que encerra os restos decompostos do fallecido 85. Pelo menos, as *Novidades* não o disseram.

E d'ahi, talvez que fosse. Como o anno defunto se revelou até ao fim inimigo declarado da realeza...

Terá para muitos um lado bom—quem sabe?—esse composto de negras miserias arremessado ao pó do sepulchro: não nos trouxe o cholera na boceta, sempre bem recheiada, dos seus rancores implacaveis e das suas maldições fulminantes.

Que isso não sirva, porém, de motivo para que as almas boas e candidas tributem uma palavra compadecida á sua negra memoria. E' de familia aquelle espirito traiçoeiro, denunciado em muitos actos d'uma existencia villã e criminosa.

Já o pae, em vida, nos mandava cercar a peninsula pelo terrivel habitante do Ganges. Veio depois o filho, e dizimou uma grande parte da população hespanhola, aproximando-o mais e mais da fronteira. Agora virá o neto 86, completar a obra d'aquelles dois grandes artistas defuntos.

Quem sae aos seus não degenera!

O Anno Novo inaugura-se,—como o velho sepultado,—com a abertura do parlamento, com o discurso da Corôa, com os comprimentos banalissimos e anachronicos do estylo, e com a exhibição das mesmas velharias pulverulentas da grande loja de «bric-à-brac» indigena, contempladas por nós desde tempos immemoriaes.

Nem uma novidade, nem uma innovação, nem um simples symptoma d'outra vida, d'outros costumes, d'outros processos politicos, d'uma orientação social diversa, de successos futuros menos tristes e menos tenebrosos.

D'aqui a dias seguir-se-hão as mesmas tempestades parlamentares, as mesmas diatribes do costume, eguaes luctas e eguaes affrontas, e, no fim de tudo, o cholera, ou a bancarrota predicta pelos bandarras agoirentos da politica.

Ahi está o que nos espera, ahi tens o que será o novo 86.

CASIMIRO DANTAS.

# SONETO

(No ALBUM DE UMA MENINA, CHAMADA LAURA)

Houve em tempo um poeta primoroso,
Um genio de eleição, um laureado,
Que trouxe em quanto vivo o seu cuidado
Preso a um nome gentil, harmonioso.

Chamava-se Petrarcha, o mavioso,
O suave cantor, que eternisado
Deixou de Laura o nome idolatrado,
Ao seu unido, n'um gemer saudoso.

Eu Petrarcha não sou. Não sei ornar-te
A fronte juvenil de brancas rosas,
Nem hymnos immortaes posso offertar-te.

D'este livro, nas paginas mimosas,
Posso apenas um voto aqui deixar-te,
De que sejam sem fim os bens que gosas!

L. A. PALMEIRIM.

# HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

## A CAMPANHA DA RUSSIA

Foi diante de Smolensk que o exercito de Napeleão encontrou pela primeira vez diante de si a resistencia estranha que os generaes russos tinham resolvido oppôr-lhe. Um forte exercito russo defendia Smolensk, e Napoleão appellava para todos os seus recursos estrategicos, afim de lhe infligir uma derrota memoravel. O corpo de exercito do marechal Ney foi o encarregado dos primeiros ataques.

Tomados os fortes destacados da praça, apezar de uma vigorosa resistencia dos Russos, tratou Napoleão de atravessar o Dnieper, e deu ordem a Ney para que lançasse as pontes de barcas. Esta operação carecia de ser protegida, e era indispensavel que algumas tropas passassem o rio a vau para protegerem da outra margem os trabalhos dos pontoneiros. O primeiro batalhão que recebeu ordem para intentar essa arriscada empreza, foi o 2.º batalhão do regimento 2 de infanteria da legião, commandado pelo intrepido e temerario Bernardino Antonio Moniz. Os Portuguezes lisongearam-se muito com essa distincção; mas é certo que o imperador, sabendo que podia contar com elles, e que se não expunha, empregando-os, a vêr falhar-lhe alguma manobra por fraqueza na execução, ia-os sempre lançando na frente, porque as mães portuguezas sabia elle que lhe não pediriam contas do sangue dos seus filhos, emquanto que os gritos e os lamentos das mães francezas já começavam a perturbar a sua tranquillidade.

Mas o brio militar é omnipotente no espirito dos soldados, e os soldados portuguezes não pensavam senão na honra que lhes resultava da escolha do marechal Ney. Bernardino Moniz atravessou o rio debaixo de um fogo vivissimo dos Russos, e, como estes, entrincheirados n'um dos arrabaldes de Smolensk, o incommodavam seriamente, arrojou-se á bayoneta contra o arrabalde, tomou-o com muitas e consideraveis perdas, deitou-lhe fogo, e em seguida foi-se postar n'uns quintaes, que ficavam a beira do rio, proximo do sitio onde se lançou a primeira ponte. Era meia noite quando se lhe uniu o 1.º batalhão do mesmo regimento.

No dia seguinte começou o bombardeamento, e no dia immediato preparava-se o exercito francez para o assalto, quando o começou a espantar o silencio da praça, e, approximando-se das muralhas os officiaes enviados em reconhecimento, perceberam com espanto que a praça fôra abandonada pelos Russos.

Parecia que devia Napoleão ficar satisfeitissimo com isso. Caír-lhe assim nas mãos, sem um assalto sequer, uma praça por tal forma importante, era caso novo nos annaes da guerra. Comtudo, o imperador começava a impacientar-se. Contava com uma batalha renhida, com uma victoria que lhe désse grande prestigio, e, em vez d'isso, o exercito inimigo desapparecia, internando-se na Russia, e obrigando-o por conseguinte a internar-se tambem.

Ney, continuando a formar a vanguarda, marchou sobre a estrada de Moscow, e encontrou-se nas alturas de Valoutina com o exercito russo. Napoleão exultou de contentamento, julgando topar emfim a batalha que procurava. Enganou-se. Os Russos resistiram, é certo, energicamente, empenharam n'esse combate forças numerosissimas, porque o plan'alto de Valoutina intitulado Campo Sagrado era um logar que as tradições russas rodeiavam de um prestigio legendario, mas a batalha de Valoutina foi um simples combate de rectaguarda, combate sanguinolento, combate em que entraram forças consideraveis, mas que não teve consequencias de especie alguma. Os Russos proseguiram na sua retirada, e Ney na sua marcha para a frente. Os Russos tinham soffrido perdas consideraveis, mas as cinco divisões francezas que tinham entrado em linha, tinham tambem padecido immenso. Os nossos dois pobres regimentos haviam ficado por tal forma reduzidos, que Napoleão fundio-os, e formou um regimento só, commandado pelo coronel Pego, e em que os dois chefes de batalhão mais modernos continuaram a servir como addidos, indo Candido José Xavier para o estado-maior do imperador.

E o que ganhava Napoleão com essa immensa mortandade, e com essas batalhas estereis? Nada. A perda que infligia aos Russos era facilmente reparada pelo czar, que estava em sua casa, que, pela organisação politica da Russia, dispunha completamente da vida dos seus subditos, e tinha n'aquelle vastissimo imperio um immenso *stock* de carne humana. As perdas de homens, pelo contrario, para Napoleão, que estava a longa distancia da sua patria, eram muito mais sensiveis. E a victoria de que servia? Os vencedores encontravam diante de si, depois de cada victoria, os campos devastados, as aldeias ermas, a paizagem desolada e nua. Era o systema de guerra, que o sr. Mendes Leal tão primorosamente descreveu no *Napoleão no Kremlin*.

Investe a legião, defende-se o deserto

No dia 7 de setembro deu-se a grande batalha d'essa guerra, a famosa batalha de Moskow, a mais terrivel de todas as guerras napoleonicas. Apesar de resolvidos a todos os sacrificios, os Russos sempre quizeram ver se podiam salvar a sua cidade sagrada, e para isso empenharam os maximos esforços; nada conseguiram senão infligir ao inimigo perdas terriveis. Ainda em 1812 o unico general capaz de bater Napoleão era o general Inverno, e esse ainda não tomára o commando das tropas russas.

O regimento portuguez, que entrou na batalha, cobriu-se de gloria, mas perdeu mais de metade do seu effectivo.

Como sabemos, era elle um dos regimentos da divisão Ledru e esta uma das divisões de Ney, o qual tão notavel papel representou na batalha, que ali ganhou o seu titulo de principe.

Havia dois reductos, que formavam perfeitamente a chave da posição dos Russos, e que Ney foi encarregado de tomar. A divisão que marchou na frente foi a divisão Ledru, e o regimento que constituio a vanguarda da divisão Ledru foi o regimento portuguez, todo estendido em atiradores. Levaram os nossos de vencida os russos até ao reducto mais pequeno, que foi logo investido pelos nossos homens, sustentados immediatamente pelo resto da divisão, que foi tambem apoiado immediatamente pela divisão Marchand.

Tentou o general Morand atacar immediatamente o grande reducto, e chegou a fazer entrar pela gola do reducto o 30 de infanteria francez, mas os Russos repelliram-n'o. O corpo de exercito de Ney atirou-se com furia a esta formidavel posição, sendo logo reforçado por duas divisões do corpo de exercito do principe Eugenio e protegido pela cavallaria do conde Grouchy. Depois de uma lucta heroica foi afinal tomado o reducto; Kutusoff pôde convencer-se de que estava perdida a batalha, e retirou-se para Moscow, que atravessou apenas, deixando perto de 40:000 mortos e feridos no campo de batalha, entre os quaes se contavam cincoenta generaes, e 5:000 prisioneiros nas mãos dos Francezes. Estes, porém, tinham perdido entre mortos e feridos perto de 30:000 homens, entre os quaes se contavam 39 generaes.

E o nosso pobre regimento? Era lamentavel a sua situação. Perdera entre mortos e feridos 560 soldados e officiaes inferiores e 39 officiaes. Entre estes contavam-se tres dos quatro chefes de batalhão, que o regimento tinha então, por estarem dois addidos desde a batalha de Smolensk. Alli morreu o intrepido Bernardino Moniz, o chefe de batalhão Antonio Pego; e o chefe de batalhão Caldeira veio a morrer no hospital, das feridas que recebera na batalha.

Deixemos agora o regimento, reduzido apenas a um batalhão, seguir com o corpo de exercito do marechal Ney para Moscow, e sigâmos Theotonio Banha, que acompanhava, na sua qualidade de sargento de cavallaria, o estado-maior do marechal Mortier.

Não se viam por toda a parte senão campos devastados, era necessario ir buscar viveres a distancias enormes, ter uma cautella extraordinaria no modo de se guardarem, porque os cossacos andavam-n'os sempre espreitando. Já começavam os temporaes. Houve um temporal que durou tres dias, com relampagos medonhos e trovões, e que poz o estado-maior de Mortier n'uma situação lamentavel. No meio de uma estrada encontrou Banha uma companhia de artilheiros, mortos em cima das suas peças ás lançadas, signal de que se tinham deixado surprehender pelos cossacos.

Um pequeno destacamento de 15 homens, commandado pelo sargento Antonio José de Figueiredo, foi aboletado para um palacio magnifico a pouca distancia de Moscow. No palacio havia só criados. Figueiredo tomou todas as precauções e cautellas, mas não pôde evitar que os criados abrissem uma porta escusa aos cossacos, que os aprisionaram, e os levaram ao acampamento do exercito russo, d'onde foram enviados para a Siberia. Alli estiveram trabalhando como escravos em Tobolsk, até que em 1815 poderam voltar ás suas casas, e ao seio das suas familias, que os consideravam ha muito mortos em combate. Antonio José de Figueiredo veiu a ser escrivão de direito em Evora, e, estando a

banhos em Setubal, contou ao sr. Claudio de Chaby esta terrivel aventura.

Como deviam saber bem os banhos de Setubal a quem estivera em Tobolsk!

Tudo annunciava, porém, uma campanha temerosa, e Theotonio Banha teve d'isso uma prova convincente, quando, ao chegar á primeira collina d'onde se vê Moscou, deu com o extraordinario espectaculo do mar de chammas em que estava n'esse momento transformada a antiga capital dos tzares!

PINHEIRO CHAGAS.

# D. MARIANNA DE LUNA

## (1640-1642)

Nunca revolução, ou restauração politica, como lhe queiram chamar, foi mais commentada em prosa, nem mais enxovalhada em verso, do que a restauração, ou revolução, que em 1640 elevou ao throno a casa de Bragança.

Desde 1580 que os trovistas e os prophetas andavam enguiçados, com um acontecimento politico qualquer, que não previam bem claro, e foi só depois de consummada a restauração que os padres a glorificaram no pulpito, e desde então começou o enxurro da versalhada patriotica, que todos os annos se torna mais turvo com a vasa das modernas ampliações rethoricas.

As aguas do Mondego, a quem tantos attribuem as qualidades que a mythologia assignala ás da Castalia, pouco depois da elevação de D. João IV ao throno portuguez, baptisaram poetisa uma mulher, que em questões d'arte tinha com certesa costella de judia, a ajuisar pelas muitas blasphemias que deixou impressas, auctorisadas com o beneplacito regio de Sua Magestade, que *Deus guarde por muitos e felizes annos, para gloria d'este reino, e temor dos alheios*, diz na dedicatoria do seu livro a poetisa em questão.

Chamou-se ella D. Marianna de Luna, e foi natural de Coimbra. (a) Esta declaração do logar do seu preclaro nascimento foi ella propria quem a deu a publico, na louvavel intenção de evitar que por sua morte sete cidades brigassem entre si para apurar, como aconteceu com Homero, aonde vira a luz do dia esta D. Marianna, antipoda da outra que tantas lagrimas chorou em vida, como esta ainda agora nos provoca o riso, depois de morta.

Imprimio D. Marianna de Luna á sua custa, diz ella, e devemos crêl-a sob palavra, por não haver editor capaz de tamanha ousadia, um livro de versos que intitulou: «*Ramalhete de flores á felicidade d'este reino de Portugal em sua milagrosa restauração por Sua Magestade D. João IV, de nome e decimo oitavo dos verdadeiros reis portuguezes.*» Nada mais e nada menos, como consta do frontespicio do livro a que me reporto.

Em boa rasão a nossa coimbrã não devia ter tido entrada n'este nosso pantheon de mulheres illustres, por ser de cardos, e não de flores, o ramalhete que ella deu a cheirar a El-Rei D. João IV; mas lembrando-me que podia ser util aos contraregras e alfaiates dos theatros, bem como aos proprietarios de guarda-roupas que, pelo carnaval, mascaram as populações das duas principaes cidades do reino, entendi ser justo auxilial-os a recompor historicamente um verdadeiro D. João IV, por conta, e sob a responsabilidade da poetisa, que o vio, com seus proprios olhos, no dia da acclamação, e que o descreve nas seguintes quadras, de que faço juiz o leitor, sem lhe pedir benevolencia.

Ia Sua Magestade
Tão airoso e tão bisarro,
Que o sol vendo que o vencia
D'inveja escondeu seus raios.

Levava negro sombreiro
E n'elle postas a espaços
Pedras, que vestir podiam
De luz o dia mais claro.

Com a usada ceremonia
Ia debaixo de um pallio
Sua Magestade, feito
Reliquia de seus vassalos.

Sobre um galhardo ginete
Que co'bello peso ufano
Ia ao som do aureo freio
Briosamente dançando!

Até aqui a photographia de Sua Magestade tirada de camaradagem com a do seu ginete que *dançava*. Vamos agora vêr como se fardavam os alferes em 1640, e em dia de grande parada:

E os alferes pareciam
Uns de abril, vivo retrato,
Outros imitar nas côres
Do prestante iris o arco.

Ora uns officiaes assim transformados em taboletas de droguista, não me parece que justificassem cabalmente esta ousada affirmativa da poetisa:

As tremolantes bandeiras
Parece que ameaçando
Estavam *futuramente*
Os soberbos Castelhanos.

Se ella mentio, por alma lhe preste. Eu, pela minha parte, sinto não poder abertamente confiar-me, como desejava, na descripção do physico dos fidalgos que acompanharam D. João IV no dia da acclamação, e que a complacente poetisa descreve d'esta maneira:

Uns na graça competiam
Co' o lindo moço infante,
Que inda hoje em flor adora
A bella deosa de Paphos:

Outros, que do grego Achilles
Aquelle a que custou caro
Da formosa Policena
Vêr o rosto Soberano.

A' vista d'estes excerptos, foi inutil a declaração que a auctora fez de haver impresso o livro á sua custa. O que me admira é não ter D. Marianna de Luna casado com algum dos taes alferes arco-iris, ou, subindo em aspirações, com um dos fidalgos.

.........que em flor adora
A bella deosa de Paphos.

Eu, no caso da senhora D. Amelia Janny, que é natural de Coimbra, não descançava sem correr todos os cartorios da cidade, até poder provar á evidencia que D. Marianna de Luna não tinha nunca passeiado na quinta das Lagrimas, nem bebido da agua da Fonte dos Amores.

A' parte os ruins versos que D. Marianna de Luna legou á posteridade, fico desconfiado de que ella tambem olhava de mais para os homens, como se prova pelos retratos de tantos que nos deixou no seu chocalheiro livrinho. Por isso os homens dizem que as mulheres fallam de mais.

L. A. PALMEIRIM.

# AVE, SPES!

(NO ALBUM DO SR. EUGENIO DE CASTRO)

Aos vinte annos, vi um anjo refulgente.
Diziam ser a *Esperança*. Tanto andei
a seguil-o, a fitar-lhe o rosto ardente
—a deslumbrante luz que rutilava—
que, emfim, sendo eu já velho, inda o fitava
com olhos juvenis. Louco, teimei
em ver de frente a luz, que me offuscava
até deixar de a ver... porque ceguei.

26 de dezembro de 1885. CAMILLO CASTELLO BRANCO.

# OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 24)

## II

### O irmão da condessinha

—Sr.ª abbadessa, replicou a governante do conde, o caso é urgente e não póde soffrer delongas. O sr. conde de Sendim está muito mal.

—Muito mal, repetiu extremamente commovida Elisa, rebentando-lhe as lagrimas.

—Não está muito mal, teve uma syncope, que póde não ser nada, e Deus o queira, mas que póde tambem ser muito. Quer vêr sua filha, e nem v. ex.ª, sr.ª abbadessa, nem ninguem tem o direito de privar um pae de vêr sua filha, quem sabe se pela ultima vez.

Ao ouvir as tristes rasões da governante, a condessinha e

(a) D. Marianna de Luna foi contemporanea da notavel poetisa Soror Violante do Ceo. Trocaram as duas entre si amaveis cumprimentos, sendo mentirosos os que soror Violante do Ceo dirigio á sua collega e amiga.

costara-se a sua amiga, á Clarinha, para não cahir, e escondia a cabeça no collo d'ella para occultar as lagrimas que lhe cahiam pelas faces.

—Mas minha senhora, objectou ainda a abbadessa, a regra do convento...

Roberto interveiu:

—Minha irmã vae sahir d'aqui immediatamente, sob minha resposabilidade directa. A sr.ª abbadessa se tem escrupulos, se tiver qualquer receio pueril de que nós viessemos aqui para a enganar vilmente, de que tudo isto seja uma comedia combinada entre nós tres, esta senhora, minha irmã e eu, tem um meio simples de averiguar a verdade, de se garantir completamente contra qualquer perfidia ou emboscada:—é mandar acompanhar-nos por uma pessoa da sua confiança, por uma ou por mais, se assim entender necessario.

A abbadessa, ao ver o tom firme e resoluto d'aquelle rapaz, receiou de ter ido longe de mais nos seus melindres, e de provocar assim a colera do conde de Sendim, a quem o convento era tão obrigado. E retrocedeu.

—Pelo amor de Deus, replicou ella já n'um tom muito humilde, muito amigavel, eu não quero de forma alguma escandalisar V. Ex.ª, quero apenas salvar as graves responsabilidades que o meu cargo me impõe.

E voltando-se para a condessinha, ordenou-lhe:

—Vá-se vestir para sahir já com seu irmão. Será acompanhada, tambem, pela sua professora de piano, a quem vou pedir essa fineza. Vossas Ex.as tenham a bondade de esperar aqui um momento, concluiu ella dirigindo-se a Roberto e á governante do conde.

E retirou-se acompanhada pelas duas educandas, que sahiram tambem, abraçadas uma á outra, chorando a bom chorar, uma pela doença de seu pae, outra pela partida inesperada da sua amiga. Roberto e a governante ficaram sós na casa do parlatorio.

Houve um momento de silencio entre ambos. Roberto olhava fixamente para a governante de seu pae, e esta, encontrando repetidas vezes os olhos de Roberto, começou a sentir-se incommodada com esse olhar.

De repente, para se furtar a essa scena muda que se ia prolongando, a governante dirigiu-se para Roberto e estendeu-lhe a mão:

—Vou-me embora.

—Vae-se embora? E minha irmã...

—Vae com o senhor, vae com seu irmão, não pode ir mais bem acompanhada, tornou ella com um sorriso.

—Vá comnosco, minha senhora, sabe perfeitamente que eu para minha irmã sou quasi um estranho, tão estranho que ha uma hora ainda não a conhecia.

—Mais estranha sou eu, respondeu a governante.

—Depois, continuou Roberto, ella está afflicta, impressionou-a muito esta triste noticia assim recebida de chofre; foi para dentro banhada em lagrimas, vem ahi com certeza a chorar, e eu não sei o que lhe hei de dizer, sou um desastrado...

—Habitue-se, habitue-se, tornou a governante. E demais, está-se fazendo muito tarde e quem sabe quantas vezes já o cond... e emendou logo, quantas vezes já seu pae terá perguntado por mim. Adeus.

—Espere por minha irmã, peço-lhe,não me deixe aqui sosinho...

—O quê? Tem medo? penrgutou ella, zombando.

—Não tenho medo, tenho saudades...

—Oh! saudades do mundo....

—Não! de si.

E Roberto fez-se muito vermelho ao soltar esta confissão que lhe andava nos labios desde o primeiro dia em que chegara a Lisboa e vira a formosa governante de seu pae.

—De mim? Acho muito mal escolhido o momento para brincar, respondeu ella n'um tom digno, levantado, de mulher offendida, e creio nunca ter-lhe auctorisado esses gracejos...

—Não são gracejos, juro-lhe que fallo serio...

—Seu pae está a morrer... talvez...

—Por isso mesmo, se elle morrer, a sua morte separar-nos-ha eternamente, a nós...

—E é então n'esse momento que um filho pensa em galanteios?

—Não são galanteios, é amor. E depois, eu sou tão pouco filho de meu pae...

N'isto, por de lá da grade appareceu o vulto sombrio da abbadessa.

—Vem gente, cale-se, disse rapidamente a governante, afastando-se de Roberto.

*(Continúa).*

GERVASIO LOBATO.

SUA MAGESTADE A RAINHA, A SR.ª D. MARIA PIA

## Wergiss-mein-nicht

Ella possuia a belleza loira, branca e etherea das santas dos missaes gothicos. Os seus olhos, de um azul violeta, o azul germanico, que Deus repartiu em parcellas eguaes pelas flores que debruam as margens do Rheno e pelas virgens pensativas, de perfil recortado em nacar, que constituem a delicada e quasi mystica poesia d'essa raça amassada com a neve das geleiras, a alvura dos lyrios, a melancolia da noite e o rosicler da aurora.

Chamava-se Elisa e tinha a graça fragil e leve das andorinhas.

Nascera em uma pequena aldeia da Moravia, perdida nos confins da floresta. A mãe succumbira ao dal-a á luz. O pae, um habil joalheiro da Styria, confiára-a aos cuidados da ama que a creou com o leite dos seus peitos sadios, e com a seiva dos seus campos em flôr.

O sol coado pelos ramos dos sycomoros, doirou-lhe suavemente os finos cabellos abundantes e ondeados; os *wergiss-mein-nicht* coloriram-lhe o iris, dando-lhe uma pincelada da sua tinta indefinida e terna.

Elisa desabrochou a monte, na rusticidade da vida aldeã, simples e casta como o botão sylvestre e inculto, nascido no meio da urze brava.

Mirava-se nos lagos, trepava ás arvores, subia ás gargantas dos despenhadeiros para ir colher as flores raras que nascem na aresta dos precipicios.

Os pastores contavam-lhe a legenda triste da montanha e ensinavam-lhe, na sua phrase pittoresca, a decifrar o grande livro do firmamento, a decorar os nomes das estrellas, os nomes inventados por elles e ignorados pelos astronomos.

Ella escutava-os, absorta e encantada, deixando vogar a phantasia em uma especie de sonho acordado...

Aos doze annos, o pae foi buscal-a e levou-a para a Styria, onde tinha montado o seu atelier de joalheiro, um dos primeiros da cidade.

Foi com uma saudade intima, saudade a de todos os jubilos da infancia, que Elisa se apartou da aldeia, dos lagos, das arvores, das montanhas e dos pastores, seus companheiros e amigos.

Na primeira noite que passou na cidade, longe de sua mãe adoptiva, a boa Martha, que a amamentara, longe das arvores, das flores, dos rios e dos passaros, pareceu-lhe, ao fitar o céo, que de cada uma das estrellas, palpitando no azul, se desprendia uma lagrima.

O pae, vendo-a triste, tentou distrail-a, interessando-a na sua delicada industria, fazendo-lhe admirar as curvas lacteas das perolas, a phosphorecente scentelha do diamante, a tinta ardente e caustica do rubi, a suave pallidez do topazio, a alvura leitosa da opala, o brilho vibrante da esmeralda, a côr desolada da amethysta, similhante á modesta violeta.

As joias, amontoadas em desordem no balcão de velludo, rolavam sonoramente, accendiam-se em bruscos incendios, soltavam-se dos escrineos, como um fio de luz electrica, e coalhavam-se em lagos tremeluzentes, exhalando por cada uma das suas facetas o estrophe inebriante da seducção, que perdeu Margarida.

Elisa admirou as joias, achou-as bonitas, entreteve-se um pouco mergulhando as suas mãos brancas e macias n'esse mar de luz, agradou-lhe o contacto frio do ardente rubi e do crystalino diamante, e, infantilmente, divertiu se a coal-as pelos dedos, a fazel-as saltar, a dispol-as em fios ondeantes e serpentinos, que mordiam o velludo como as roscas de uma cascavel.

Mas as joias da cidade não conseguiram fazer-lhe esquecer as flores da aldeia, e a companhia de Franz, official e ajudante do mestre, um bello rapaz desempenado, laborioso e intelligente, não logrou preencher a lacuna deixada pela falta das romanescas historias dos pastores.

Franz amou Elisa, logo desde o primeiro dia em que ella poz no sombrio atelier, habitado pelos dois operarios, a irradiação deslumbradora da sua candida juventude e da sua angelica belleza.

A partir d'esse dia, a vida sedentaria do atelier, que lhe tinha sido sempre odiosa, de que elle fugia, aos domingos, para ir divagar sósinho nos arredores da cidade, com a impetuosa avidez de um preso evadindo-se de um carcere, começou a parecer-lhe o ante gosto da bemaventurança.

Franz não ousara declarar-se; intimidava-o a immaculada pureza d'essa creança que parecia viver dos limpidos sonhos da infancia, estranha e inaccessivel a todas as paixões da terra.

Inconscientemente, o moço artista emmudecia diante da superioridade d'essa natureza delicada e *frêle*, um pouco reservada, que mesmo nas suas expansões guardava sempre no fundo da alma a vaga melancholia de um pensamento ignoto e incomprehendido...

E' evidente, dizia Franz, tentando dissipar as objecções que lhe parecia anteporem-se á partilha do amor que o devorava, é evidente que ella é minha igual, filha de um joalheiro, de um homem da minha arte, meu companheiro de officina.

Mas contra a logica do raciocinio erguia-se a voz mysteriosa do presentimento, que lhe affirmava o contrario, que lhe insinuava que Elisa nascera para ser rainha, para cingir na alabastrina fronte, nos seus finos cabellos de oiro, uma coròa.

A filha do joalheiro estimava Franz como um irmão. Conversavam muito, em quanto elle lapidava os diamantes e ella costurava.

Elisa fallava da Moravia, de Martha, dos seus amigos pastores, das montanhas, onde, perto do céo, adquirira a sciencia dos astros, interessando-se por elles e seguindo-os na sua rotação luminosa.

A's vezes, ao cair da tarde, a hora perigosa, propicia ás confidencias e ás effusões, Franz exaltava-se, e, irresistivelmente, cedendo a uma força superior á sua vontade, deixava transluzir o segredo que escondia no coração.

Elisa parecia não comprehender, e com a mesma encantadora simplicidade infantil, que de toda ella se exhalava, continuava a ensinar-lhe a poetica astronomia que aprendera na aldeia.

Franz perdera, pouco a pouco, com a esperança, que a principio o inebriara, o appetite e a alegria.

Deixara de ser o operario folgazão e despreoccupado, gostando de divertir-se, aos domingos, e não tendo na vida outro cuidado senão o de chegar depressa, cantando e rindo pela semana fóra, á suspirada noute dos sabbados.

O amor, devorado em silencio, excitado pela convivencia, alimentado na perpetua contemplação d'essa creança loira, branca e idealmente formosa, como a visão de um poeta; o amor, que elle não tinha coragem de confessar e que ninguem queria entender, matava-o lentamente.

Um dia, Conrado, que era sinceramente affeiçoado ao seu laborioso official, que tinha em subido apreço a pericia de Franz, o primor com que elle se desempenhava das mais arduas emprezas, que o considerava um ajudante insubstituivel e um companheiro precioso, interrogou-o, querendo saber a origem da mudança que se operara no caracter de Franz.

Franz respondeu com evasivas; e servindo-se de um pretexto, simulou que precisava sair para tratar dos negocios da casa.

O joalheiro insistiu, muito affectuoso, testemunhando a amisade, o interesse que dedicava ao seu official.

Então Franz, não podendo por mais tempo sofrear o segredo que lhe queimava o coração, confessou tudo.

Conrado ouviu-o, sorrindo-se bondosamente, e disse-lhe que lhe daria com prazer a filha, se acaso ella o amasse.

No dia immediato, entrou na loja o duque Henrique Wandersen. Vinha para encommendar um bracelete e um diadema.

O duque demorou-se, escolhendo os solitarios, as perolas pretas, as esmeraldas, os rubis, e deu o desenho da flor, uma flor de perolas e brilhantes, um *wergiss-mein-nicht*, que deveria rematar o diadema.

O duque era um rapaz alto, esbelto, com uma phisionomia insinuante, tocada da severa gravidade, um pouco fria, que caracterisa o typo allemão. O cabello loiro e annelado, penteado sem a banal correcção symetrica que distingue a cabeça do *embaumé*, desassombrava-lhe a testa ampla e bombeada; os olhos, de um azul diaphano, inundados de uma doçura acariciadora, illuminavam-lhe a melancolica expressão do rosto e suavisavam a altivez de raça que transluzia nos seus gestos, no seu grande ar.

Henrique Wandersen recommendou a maior perfeição nas obras que encommendára, deixando perceber que as destinava para a escolhida do seu coração, para aquella a quem ia ligar-se indisoluvelmente.

N'essa occasião, Elisa entrou e ouviu as palavras do duque.

O olhar dos dois cruzou-se: a filha do joalheiro córou, empallideceu e desappareceu, sem mesmo corresponder ao cumprimento do duque.

Havia oito dias que ella o vira pela primeira vez na cathedral, meio occulto na sombra da nave.

Os padres cantavam no altar, o incenso subia em ondas, adejando ao longo da egreja e turbilhonando no ar em espiraes que se evolavam até ao tabernaculo, resplendente de oiro e pedrarias, constellado de luzes que oscillavam, entre montanhas de flores.

Invocava-se o espirito santo, em um psalmo plangente e melodioso que se erguia para a eterna omnipotencia. Foi então que ella despregou os olhos do altar e encontrou, no fundo da nave, esse profundo e ardente olhar, que a fizera estremecer.

A' sahida, deixára cahir dos dedos uma flor, um pequenino *wergiss mein-ni ht*; elle, o desconhecido, curvara-se, apanhára a flor e guardára-a no peito.

Não tornára a vel-o, mas nunca mais esquecera esse estranho olhar, que pela vez primeira lhe fizera palpitar o coração.

Reconhecera-o, logo ao entrar no atelier, e agora que sabia que era duque, que era nobre e rico e que ia casar, uma dor aguda, de que ignorava a causa, uma dor mortal, como o golpe de um punhal envenenado, rasgava-lhe o coração.

O duque voltou no dia seguinte, e no outro, e todos os dias, á mesma hora.

Vinha saber em que altura ia o trabalho.

E sempre que Conrado o consultava, deleitando-se em merecer a approvação d'esse moço aristocratico até ás pontas das unhas, no delicado temperamento do qual o joalheiro adivinhava um artista de raça, Henrique Wandersen exigia modificações, aperfeiçoamentos, suggerindo que seria bom engastar mais um aljofar, abrir uma haste nova, dar a uma folha o tom mate do oiro fosco.

O bracelete e o diadema iam-se assimilhando, um quasi nada, á teia de Penelope: desmanchava-se á noite o que se fazia pela manhã.

O duque pagava sem discutir, e o joalheiro, cada vez mais affeiçoado a esse singular freguez, acceitava, sem revolta, as successivas variantes.

Franz era o unico dissidente. Queixava-se amargamente, lamentando o tempo e o trabalho perdidos, amaldiçoava os caprichos dos fidalgos, e, fallando com Elisa, tentava metter a ridiculo a mania do duque. A verdade, porém, é que o ciume escaldava-lhe o sangue.

A DEFEZA DA BANDEIRA

Henrique Wandersen alludia frequentes vezes á noiva, descrevia os incomparaveis encantos da mulher a quem ia ligar o seu destino, mas o olhar do duque, (Franz não o perdia de vista,) o olhar do noivo procurava Elisa, envolvia-a, e dir-se-ia que a penetrava, de tal sorte parecia reflectir-se um no outro a alma de ambos.

Era um tormento, uma tortura despedaçadora, o inferno com todos os seus horrores.

Franz resolveu sair, a todo o transe, d'esse fatal dilemma, que o enlouquecia.

Conrado, cedendo ás instancias do pobre rapaz, perguntou á filha se queria casar com Franz.

Elisa deitou-lhe os braços ao pescoço e suffocada em lagrimas, respondeu que não queria casar-se, que desejava viver e morrer ao lado do pae.

O duque appareceu á hora do costume. O bracelete e o diadema estavam afinal concluidos e elle vinha buscal-os.

Elisa entrou no atelier, pallida como a estatua da desolação.

Então, Henrique Wandersen, empenhado, segundo affirmava, em ver o effeito que produziriam as joias, pediu-lhe que pozesse o bracelete e o diadema.

Ella, sentindo uma onda de lagrimas affluir-lhe do coração aos olhos, tremula, semi-morta, ferida no seu orgulho de pobre, no seu culto ignorado e silencioso, balbuciou uma evasiva.

O duque insistiu e pediu a Conrado que o auxiliasse na satisfação d'esse inoffensivo capricho.

Elisa respondeu que seria uma profanação collocar ella na sua cabeça e no seu braço as joias que deveriam coroar a formosura da futura duqueza.

O joalheiro, irritado, ordenou á filha que não contrariasse a vontade do sr. duque.

Elisa obedeceu: o diadema illuminou-se, engastando-se no oiro dos seus cabellos, aureolando-lhe a cabeça de um fino contorno aristocratico; mas no momento em que ia concluir o doloroso sacrificio, enfiando no braço o bracelete, a cabeça pendeu-lhe no peito e a infeliz caiu inanimada aos pés de Henrique.

Elle levantou-a nos braços, e com a sua harmoniosa voz, severa e doce, apresentou a Conrado aquella que, entre todas, amára e escolhera para sua companheira na vida.

E quando Elisa abriu os seus bellos olhos azues, aljofrados de lagrimas, elle, de joelhos, mostrou-lhe o *wergiss-mein-nicht*.

GUIOMAR TORREZÃO.

## O ANNEL DE JOANNINHA

(IMITAÇÃO DO FRANCEZ)

Perdeu a pobre Joanninha
O seu annel de ouro fino;
(Bruxa lh'o furtou da mão).
Procura, procura em vão,
Não apparece o mofino.

Cobra esp'rança, Joanninha,
Na celeste intercessora;
Verás como o encontras já;
Todo o perdido está lá,
No regaço da Senhora.

Lá vae a triste Joanninha,
Tão sosinha e tão chorosa,
Resando, caminho além.
Mas lá vem, dos ceos, lá vem
Um anjo, faces de rosa.

Lá desce, e diz:—Joanninha!
Venha lá esse sorriso;
O teu annel vel-o aqui.—
Ella o toma, e chora, e ri!
Todo rescende a paraizo.

Já se vê rir a Joanninha;
E diz:—Orar com fé viva
E' bem melhor que chorar.
Não ha prece, a que, no altar,
A mãe de Deus seja esquiva.

JULIO DE CASTILHO.

# AS NOSSAS GRAVURAS

### UMA RUA DO BUSSACO

Todos conhecem, pelo menos de nome, esta maravilha de Portugal, e muitos, de certo, teem já passado uma tarde de verão sob aquelle denso manto de verdura, por onde a custo mal póde romper a luz do sol.

N'este aprasivel logar não echoa o ruido do continuo labutar do mundo, a despertar-nos do nosso extasi sublime. O silencio é doce e profundo. A vida ali deslisa n'uma tranquillidade suavissima; a alma expande-se e embriaga-se livremente perante aquelle grandioso e soberbo quadro da Natureza.

Como disse o malogrado poeta Soares de Passos, n'aquelle monte e nos seus pincaros altaneiros e agrestes

O homem vive e sente
Mais longe d'este mundo
Mais proximo dos Ceus.

*

A serra do Bussaco tem de extensão proximamente 12 kilometros e é constituida por uma cadeia de montanhas graniticas e eriçadas de rochedos escarpados.

E' ahi que se desenvolve a mais magnificente vegetação de Portugal. E' soberbo o aspecto e grandeza dos seus cedros seculares. A ethimologia do seu nome perdeu-se na noite dos tempos, e hoje não é facil restabelecel-a, e tanto menos quanto é certo que já anda ligada a lendas populares decantadas pelos nossos poetas. O que póde, porém, affirmar-se é que ella é antiquissima, pois que apparece n'uma doação de Gondelim ao mosteiro de Lorvão em 919.

A mata do Bussaco foi concedida a D. João Manoel, bispo de Coimbra, com o fim de se fundar ahi um eremiterio de contemplação e penitencia, que só se começou em 1628. Por esse tempo foi aquella esplendida mata avaliada em cento e oitenta mil réis, por ser infructifera e de pouco rendimento!!

Estabelecido o convento não descuraram os frades a conservação e engrandecimento da mata. Bem sabiam elles a maravilha que possuiam. Bem conheciam que em paiz algum seria facil encontrar local mais aprasivel e mais proprio para a penitencia e solidão.

Por muito tempo viveram ali os frades, entregues ao seu isolamento e penitencia. N'aquella profunda solidão enviavam elles as suas orações aos pés de Deus, e o silencio da montanha era apenas despertado pelo toque dos sincs das ermidas, convidando ás rezas.

Um dia, porém, a voz atroadora do canhão acordou os echos dos concavos rochedos. Os gritos dos feridos resoaram n'aquellas alamedas de verdura, onde antes ciciava apenas a prece do cenobita.

No convento, onde outr'ora se não ouvia o mais pequeno ruido, havia agora o rumor confuso do tinir de esporas, do bater de espadas, das multiplas vozes dos passos apressados e pesados dos que entravam e sahiam. Na livraria, onde d'antes se sentia apenas o folhear dos livros, havia agora o altercar de vozes, a discussão de planos d'ataque e defeza.

E ahi, onde reinára a oração e a paz, assentava o seu throno a guerra e a morte. O convento transformára-se n'um quartel general e a cerca n'um campo de batalha. Foi ali, n'aquelle monte soberbo, que pela primeira vez escureceu a estrella do grande general do seculo XIX. Foi ali que as hostes do grande Napoleão acharam quem lhes tolhesse o passo e foi ali que as aguias francezas se abateram ante as quinas portuguezas.

*

Um sem numero de paisagens deslumbrantes se disfructam do Bussaco, taes como a do «Calvario» e a da «Portaria de Coimbra». Esta ultima é soberba, e esplendida a rua que do convento conduz a ella e que a nossa gravura representa. O quadro, porém, mais sublime que se póde disfructar no Bussaco, é vêr da Cruz Alta sumir-se o sol no oceano.

### SUA MAGESTADE A RAINHA, A SR.ª D. MARIA PIA

Vem sempre a proposito a publicação do retrato d'esta gentilissima princeza, e o nosso semanario honra-se sobremaneira illustrando hoje com elle as suas paginas.

Só é costume fallar de reis e principes, quando elles adormecem para sempre no tumulo, ou quando se impõem á admiração publica pela pratica de actos grandiosos e nobres.

A rainha de Portugal, que vive para o affecto de todos nós, exemplificando a Caridade no que ella tem de mais santo e sublime, a cada passo inspira as bençãos populares, praticando actos d'aquelles. E' justo, pois, que a cada instante, tambem, nós pronunciemos o seu nome harmoniosissimo e sympathico, rendendo-lhe as homenagens respeitosas a que tem direito.

Quem, como a sr.ª D. Maria Pia, sabe ser rainha, esposa e mãe, comprehender os seus deveres sociaes, e distinguir-se pela somma de beneficios que todos os dias prodigalisa entre os desvalidos, não póde ser esquecida um só momento. O altar que lhe erguemos na nossa alma está sempre illuminado pela suave e

brilhantissima luz da gratidão, como os infelizes que Ella soccorre estão sempre acariciados pela divina centelha da sua generosidade sem limites.

Explica-se assim a publicação do seu retrato n'estas paginas. E' mais uma homenagem, e não conhecemos ninguem que tantas mereça como rainha e como senhora.

---

A DEFESA DA BANDEIRA

Um episodio da ultima campanha do Oriente entre a Russia e a Turquia.

Um russo e um turco disputam encarniçadamente a posse da bandeira, que está por terra, debaixo dos pés do primeiro. Servem de pedestal a esta allusão os mortos, os feridos e os estropiados, em *pêle-mêle* indiscriptivel com as espingardas, os canhões e as balas já frias.

O quadro é profundamente verdadeiro, e está desenhado por mão de mestre.

---

AS PEIXEIRAS

Em geral, todas as peixeiras de Lisboa são mulheres e filhas dos varinos, que veem, de Ovar e Aveiro, a trabalhar para aqui no inverno, e que se estabelecem nas ruas do Machadinho e Castello Picão e beccos e travessas proximas.

Elles dedicam-se ao labor da pesca: ellas vendem-nos a pescaria, às vezes por preços exorbitantes.

Quasi todas essas mulheres apresentam os estragos d'uma vida de privações, mas conservam os traços phisionomicos, geralmente bellos e tão caracteristicos das mulheres d'Aveiro.

As peixeiras conservam a endogamia na sua colonia, cazam com pescadores, e quando ajuntam algum dinheiro regressam para a sua terra, d'onde as torna a arrancar a extrema pobreza.

---

A ADORAÇÃO DOS MAGOS

E' conhecido o quadro e sabida de cór a formosissima lenda religiosa de que o artista se inspirou.

Os tres Magos do Oriente, guiados por uma estrella, que lhes apparecera, vão a Bethlem prostrar-se diante do Christo recemnascido, adoral-o e offerecer-lhe valiosos presentes d'ouro, myrrha e incenso.

As figuras do quadro estão bem desenhadas e expressivas.

---

# EM FAMILIA

## CHARADAS

NOVISSIMAS

Este pronome, este verbo e este jogo formam uma planta—1—1—1—1.

Reparei n'este nome quando fui a esta cidade—1—2.

Coimbra. AÇORIANO TOPENSE.

Na musica o que nos salva é esta villa—1—1.

Leça da Palmeira. LAPADA & C.ª

Este peixe zombava d'esta arma—3—2.

A. D. DE S. FRANCO.

Este documento corre na repartição de fazenda—4—2.
Este vegetal e este mineral formam um animal—1—1.
Esta preposição aqui é um peixe—1—1.
Na egreja este adverbio bebe-se—2—1.

LUDOVICUS.

---

EM VERSO

No neto menos to, }
eu sou da minha avó. } 1
No reino vegetal }
Existo como tal. } 1

Se quereis adivinhar,
é peixe bem vulgar.

Ajuda. A. FREITAS.

EM QUADRADO

\+ + + + + +
\+ + + + + +
\+ + + + + +
\+ + + + + +
\+ + + + + +
\+ + + + + +

Encontra: seis palavras, das quaes as primeiras lettras formem, quer vertical, quer horisontalmente, o nome d'uma fructa; e as ultimas formem, tambem, o nome d'outra fructa, tanto vertical como horisontalmente.

ASSIGNANTE DE ANGRA DO HEROISMO.

## LOGOGRIPHOS

(POR LETTRAS)

Nome de homem.—11, 6, 7, 2, 6, 8, 2
Nome de mulher.—11, 4, 11, 8, 11
Nome de homem.—4, 11, 6, 2, 5, 9
Nome de mulher.—11, 4, 5, 9, 8, 11

Nome de homem.—1, 8, 7, 2
Nome de mulher.—4, 11, 3, 8, 11
Nome de homem.—10, 8, 6, 2
Nome de mulher.—9, 5, 2, 6, 2, 3.

Planta medicinal

Ajuda. A. FREITAS.

---

Appellido.—3, 2, 6, 8
Appellido.—6, 5, 7, 8
Appellido.—4, 8, 3, 5, 7
Appellido.—1, 2, 6, 7, 4, 8

Appellido

J. J. DA CONCEIÇÃO.

## CARTA ENIGMATICA

Meu caro 6, 12, 3, 2, 11, 4, 12

Não contes hoje commigo para 11, 9, 4, 2, 3, pois, sem me lembrar do que combináramos, prometti á 1, 7, 8, 4, 2 leval-a ao Colyseo. Tenho muita pena, porque gosto da comida de 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, mas agora não ha remedio. A 5, 7, 8, 11, 4, 10, 2, tambem nos acompanha

O teu 6, 12, 1, 9, 1 veio fallar-me hontem. O negocio está bem parado, e espero que elle entre em breve para a 2, 7, 8, 4, 5, 6, 2. Vae bem, porque o todo d'elle é 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12.

Espera-me 2, 1, 7, 5, 6, 2 em 11, 7, 10, 2.

Teu amigo
11, 2, 10, 4, 1, 4, 8, 12

Ajuda. A. FREITAS.

## PROBLEMA

Tomem se 40 cartas de jogar, baralhem-se, collocando a segunda sobre a primeira, a terceira por baixo, a quarta por cima e assim successivamente, e repita-se esta operação quantas vezes se quizer Dizer qual é a carta que não muda de logar.

M. D'ALMEIDA.

## DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Guarda-mão—Pelicano—Limonada—Vagalume—Barata—Regato—Peste—Doente.

DA CHARADA EM VERSO:—Alfaiate.

DO LOGOGRIPHO:—Janisaros.

DAS ADIVINHAS POPULARES:—Videira—Anno.

DO PROBLEMA:

O tronco, depois de inclinado até ao meio d'um dos lados do tanque, faz um triangulo rectangulo com a altura e com a meta

AS PEIXEIRAS

de d'um d'aquelles lados. Sendo pois x a altura desconhecida, deve ser$(x+1)^2=25+x^2$, d'onde se tira $2x+1=25$, e portanto $x=12$.

### Pequena correspondencia

E. Pancada:—A sua charada não vae, por ignorarmos a decifração. Mande-a e será servido.

# O CASAMENTO NA CHINA

Os chins, para poderem satisfazer a um certo numero de ceremonias, que a sua lei determina para os casamentos, são forçados a festejal-os, e a pompa dos festejos está na rasão directa das suas posses.

Entre os chins é admittida a polygamia: porém, só festejam o *cá* (casamento) com a primeira *ló-pó* (mulher), a quem dão o nome de *sá-ni-on* (noiva); e a todas as outras, com quem depois casam, chamam-lhes *á-chí* (concubinas).

O chin quando resolve casar-se, manda chamar uma *cá-pó* (casamenteira) e encommenda-lhe, para tal fim, uma mulher que seja *chi-chio* (bonita), *au-au* (com boas qualidades) e, que tenha *sái-có-qui-ok* (pé pequenino).

A casamenteira, mulher assás experimentada n'estas lides, promptifica-se, da melhor vontade, a arranjar a desejada encommenda, mediante uma certa quantia, que n'aquella occasião se estipula, começando, desde logo, nas suas diligencias. E encontrada ella, nas condições exigidas, volta novamente, á *hok* (casa) do pretendente, para lhe dar conta dos seus trabalhos, fazendo-lhe ver as grandes difficuldades com que lutou para arranjar a sua futura, mas que, em compensação, é dotada d'uma rara belleza e de excellentes qualidades, tendo os pés tão pequeninos que, para poder andar, é necessario ser amparada por duas *mui-chái* (criadas). O pretendente recebe como verdadeiras as informações da astuta casamenteira, trata em seguida das diversas clausulas que devem ser, reciprocamente, cumpridas, e fixa o dia do enlace.

Os noivos (chamar-lhe-hemos desde já assim, para simplificar) que, segundo o uso chinez, só no dia do casamento podem ver-se pela vez primeira, (uso assás vantajoso para as noivas, mas que, para os noivos, pode ter o grave inconveniente de os obrigar a acceitar gato por lebre) ficam fazendo votos para que o feliz dia se approxime rapidamente.

Dias antes do fixado para o enlace, o noivo offerece á noiva os objectos seguintes, a que chamam *cá-me-ci-á* (dadivas), cujas qualidades e quantidades são relativas aos seus meios de fortuna.

Mobilia e varios artigos de cama e de *toilette:*

*Cho-on* (leito de madeira): *chim-táu* (travesseiro de madeira ou de louça), *chok* (esteira que substitue o colchão); *pi* (cobertor de lã): *tou-sái-mine* (lavatorio de madeira); *tom-sái-mine* (bacia de mãos); *pù* (toalha); *fane-eane* (sabão); *só-san-áû* (escova de dentes): *qui-am* (toucador de madeira); *só* (pente); *quai* (guarda-roupa de madeira); *quio* (cadeira de madeira); *tam* (banco de madeira); *tam-quio* (canapé de bambu); *si-on* (caixa de madeira para roupa); *toi* (mesa de madeira); *nau-pune* (bacia de cama): e differentes utensilios de cozinha que, por serem innumeros, não são relacionados.

Iguarias:

*Sio-chi* (porco assado completamente inteiro, mas sem intestinos); *sio-mé* (cabrito-idem); *sok-cái* (gallinha cozida), *sok-cái-con* (gallo cozido); *sok-áp* (adem cozido): e um sem numero de *time-pian* (bolos doces) e *ame-pian* (bolos salgados).

Se a noiva tem *mui* (irmãs) e *sái-ló* (irmaos) offerece a cada um: uma *same* (cabaia); um *jú* (calção) e um par de *hai* (sapatos).

Todos estes objectos são conduzidos para casa da noiva processionalmente, e para tornar o prestito mais solemne, fazem-n'o preceder de uma musica infernal. Os chins que tomam parte no prestito, na qualidade de carregadores, levam vestidas *same-hon* e *fú-hon* (cabaias e calções encarnados).

A noiva, na vespera do casamento, devolve para casa do noivo toda a mobilia e varios objectos de cama. *toilette* e cosinha, que elle lhe offereceu, os quaes ficam sendo para uso commum, e offerece-lhe iguarias similhantes ás que d'elle recebera, bem como uma cabaia, um calção e um par de sapatos para cada um dos irmãos e irmãs do noivo, se os tem. Tudo isto é conduzido com o maximo esplendor.

No dia da boda, a casa do noivo está magnificamente decorada, tendo, do lado exterior da porta, um arco feito de *chó* (bambus), guarnecido de variegadas côres e de vistosos *tan lon-chi* (balões de papel), e ao lado d'este uma especie de coreto para a musica.

O noivo, primorosamente vestido e não cabendo em si de contente, está á porta, assentado n'uma cadeira, esperando os seus *pan-hi-ao*, (amigos) que foram convidados para a festa.

Quando chega algum convidado, o noivo levanta-se e vae ao seu encontro, e, a uma certa distancia, ambos se curvam, deixando cair os braços naturalmente, e unindo as mãos, as quaes agitam, ao mesmo tempo que o convidado diz ao noivo *con-gui-fá-chói* (muitas felicidades e venturas) e este lhe responde *tó-chá* (obrigado). Por esta occasião toca a musica, e são queimados muitos *pan-chon* (pequenos tubos de papelão contendo polvora, que estalam como as nossas pequenas bombas), o que produz um barulho insupportavel.

Findos os comprimentos, cessa a musica e o fogo, e o convidado entra para casa do noivo, ficando este á porta esperando os restantes, com os quaes se repetem identicas scenas.

Quando estão reunidos todos os convidados, o noivo deixa o seu posto, e entra para casa, começando então o lauto jantar, que se prolonga até á chegada da noiva.

A's dez horas da noite, pouco mais ou menos, a noiva, (tendo vestida uma linda cabaia e uma *quane* (especie de saia que vestem por cima do calção), tudo de fina seda encarnada, ornando-lhe o cabello, caprichosamente penteado, muitos *chame-came e chame-gane* (grandes alfinetes de ouro e prata que lhe atravessam o cabello em differentes direcções) e uma grinalda de *fá* (flôres), calçados uns sapatinhos de seda encarnada bordados a ouro, e a cara coberta com um *sá-sou-cane-hon* (lenço de seda encarnado preso no cabello) sae da casa de sua familia ás costas da casamenteira, que a conduz a uma elegante *came-quio* (cadeira de madeira com magnificos altos relevos dourados e a superficie plana envernisada d'encarnado), e, depois de n'ella sentada, a casamenteira fecha-lhe a porta e entra na sua *quio* (cadeira ordinaria).

Os *tame-quio-ló* (chins carregadores) levantam as cadeiras, cujos varaes collocam sobre os hombros, das quaes pendem lindos balões, e seguem para casa do noivo, com a competente musica na frente, queimando-se no transito grande quantidade de *pan-chon*.

As criadas da noiva acompanham-n'a, a pé, aos lados da sua cadeira.

Quando chegam a casa do noivo, os carregadores collocam as cadeiras em frente da porta, a casamenteira sae da sua e vai postar-se ao lado da da noiva, esperando que o noivo as vá receber; este, acompanhado dos seus numerosos convidados, sae de casa, approxima-se da cadeira e bate-lhe na porta; ceremonia esta que auctorisa a noiva a entrar nos seus lares e a considerar-se, desde esse momento, casada.

Em seguida, o noivo vae passeiar com os convidados, e a casamenteira, levando a noiva ás costas, dirige-se para a porta, onde se acha um *fun-lú* (fogão de metal ou de barro) contendo um bocado de sandalo a arder, em torno do qual a casamenteira dá uma volta; e só depois d'esta indispensavel ceremonia é que vae depôr o seu precioso fardo no *fon-cane* (quarto de cama), onde se acham as familias da noiva e do noivo.

A casamenteira, tendo, com isto, concluido a sua missão, retira-se.

Alta noite, os convidados trazem para casa o noivo: este dirige-se logo ao quarto onde está a noiva, e, com um dos extremos do *pá-cine* (leque) levanta-lhe o lenço que lhe cobre a cara, e é n'esta occasião que elle vê a sua boa ou má sorte, e se são ou não verdadeiras parte das informações dadas pela casamenteira; porém, satisfeito ou não com a sua metade, convida-a a ir para a *tái-sá*, (sala) onde a esperam os seus amigos, convite que ella é obrigada a acceitar, para satisfazer ás invariaveis praxes. As criadas conduzem-n'a á sala, e o noivo levanta-lhe novamente o lenço que lhe cobre a cara, afim de que os convidados lh'a vejam, exposição que ella torna momentanea, fazendo cair o lenço rapidamente.

Esta ceremonia, pouco edificante, promove grande gritaria entre os espectadores, em consequencia de todos quererem saber a sorte do noivo, o que muitos não conseguem, por ser rapida a exposição

Em seguida começam os brutaes divertimentos e, por consequencia, as mortificações para a noiva, que é obrigada a sujeitar-se a todas as exigencias dos convidados, sem que lhe valham as suas justas queixas.

Cada um d'elles apresenta o seu genero de divertimento, que a noiva tem de cumprir, de forma que consigam ver-lhe a cara, as mãos e os pés: isto no meio de estridentes gargalhadas e exclamações menos respeitosas, fazendo-se prolongar o supplicio até que a victima fique extenuada e concedendo-se-lhe então que vá para o seu quarto.

O noivo assiste, impassivel, a tão ridiculo espectaculo.

Estes divertimentos repetem-se na segunda noite, e muitas vezes na terceira, sem que os convidados, durante este tempo, deixem o noivo em liberdade, evitando, quanto possivel, que elle entre no quarto da noiva; e só depois de os julgarem sufficientemente torturados é que os deixam em paz, para que ambos possam finalmente, gosar as delicias do casamento que tantos sacrificios lhes custou.

Depois do matrimonio consumado, o noivo offerece á familia da noiva um dos porcos inteiros, que esta lhe offereceu, *tendo-lhe ou não cortado a cabeça;* offerecimento que tem por unico fim

demonstrar-lhe o estado em que elle recebeu a noiva, com respeito a virgindade.

Não faltam curiosos indagando se o porco foi *descabeçado*.

AUGUSTO JOSÉ DO NASCIMENTO SANTOS.

## UM CONSELHO POR SEMANA

PROCESSO PARA SOLDAR OS CACHIMBOS E AS BOQUILHAS D'ESPUMA, PARTIDAS

Pegue-se n'um alho e pise-se muito bem, n'um almofariz, até fazer uma especie de massa, com a qual se untam os pedaços quebrados do objecto d'espuma. Liguem-se depois estes fortemente, com um cordel ou uma linha, tendo-os primeiro unido com cuidado, e introduza-se o objecto em leite, que se faz ferver durante meia hora.

O mesmo processo servirá para soldar os objectos de vidro e de porcelana.

## A RIR

N'um estabelecimento de quinquilharias, da Baixa:

—Eu queria, diz uma dama, uma boneca, com vestido de longa cauda, bastante decotada e com botinhas que lhe chegassem ao joelho, para dar *d'étrennes*.

—Minha senhora, replicou o negociante, ha estabelecimentos que teem d'esses artigos. Nós, aqui, só vendemos bonecas honestas!

*

—Que é feito de X...?

—Enforcou-se.

—Que ambicioso! Sempre o conheci assim. O seu ideal era uma posição elevada!

# A ABSOLVIÇÃO

(A CASIMIRO DANTAS)

Ao fim da aldeia, cercado de um bosquesito de carvalheiras seculares, erguia-se o palacio solarengo dos fidalgos da Rebollosa, muito considerados n'aquella povoação pelos seus respeitaveis pergaminhos e extremos de piedade christã.

O conde era um d'esses representantes imbecis da velha aristocracia tradicional, vivendo, sem fazer nada, dos restos desmantellados de importantes doações, com que a munificencia de antigos monarchas galardoara o heroismo valoroso de antepassados illustres.

Havia muito que elle, crivado de dividas e perseguido por demandas ruinosas—fructo de uma administração insensata e perdularia—resolvera divorciar-se para sempre do mundo das grandezas e das vaidades, onde já não podia hombrear dignamente com os seus eguaes, e recolher-se ao isolamento silencioso e ignorado da sua grandiosa vivenda senhorial.

N'essa retirada acompanhara-o a condessa sua mulher, uma senhora troncha e repolhuda, typo vulgar de burgueza, mau grado a procedencia heraldica de que se jactava; e ali, n'aquella monotona e imperturbavel tranquillidade, ambos pareciam viver completamente felizes, sequestrados do bulicio mundano, livres da agitação tumultuosa da alta sociedade.

Em extremo piedosos, como dissemos, desde logo travaram os fidalgos as mais intimas e cordeaes relações com o reverendo cura, que passava, na aldeia, por ser a encarnação perfeita do evangelico ideal do cura d'almas.

Era um padre ainda moço, de estatura baixa e atarracada, abdomen proeminente, physionomia rubicunda e cachaceira nedia, typo boçal de *gourmand* sertanejo, mas bondoso, jovial, affavel, e sobretudo muito exacto no cumprimento dos deveres do seu sagrado ministerio.

Na aldeia todos o amavam. As ovelhas do catholico rebanho confiado aos seus cuidados sacerdotaes tributavam-lhe aquella veneração respeitosa que entre as almas candidas e simples só a virtude tem o poder de inspirar. Por isso, quando elle, ás tardes, atravessava os campos, por entre os trigaes e olivedos, com o seu largo chapeu desabado na cabeça, e o breviario debaixo do braço, era de ver como os trabalhadores se desbarretavam, e largando a faina corriam pressurosos ao seu encontro, a beijar-lhe a mão, cheios de reverencia.

Na piedosa dama encontrava o padre uma valiosa cooperadora da sua missão caritativa. Muitas vezes percorriam juntos a aldeia, ella distribuindo esmolas aos mais necessitados, attendendo com carinhosa solicitude a todos os desvalidos, elle derramando profusamente os confortos e as bençãos da egreja, e animando todos na pratica da virtude e no amor do trabalho.

E no caminho trilhado deixavam elles como que um largo rasto de adjectivos laudatorios, com que a população inteira exaltava os excelsos dotes d'aquelles dois corações magnanimos.

—E' um santo o nosso cura, pois não é?

—E a senhora condessa? Um anjo de bondade. Os *provesinhos* teem n'ella uma segunda mãe Se todos os ricos fossem assim...

—Eu cá estou em dizer que é tudo devido ao sr. cura. Lá padre como este é que nós nunca tivemos. Não é dos que se limitam a rezas e a benzeduras; procura por todos os meios praticar o bem, fazendo com que os abastados repartam com aquelles que nada teem.

—Louvado seja Deus, são duas almas caritativas e boas, que hão de ter no ceu o premio de todas as boas obras praticadas na terra.

E cobertos pelo applauso e pelas bençãos d'aquella boa gente, proseguiam os dois no seu caminho, de olhos cravados no chão, andar compassado e lento, e na physionomia o que quer que fosse da profunda uncção beatifica dos bemaventurados.

*
* *

Um dia, porém, começaram a circular na aldeia uns estranhos boatos, que de prompto se divulgaram nas bisbilhotices de soalheiro. Dizia-se—para que havemos de occultal-o?—que o padre mantinha relações illicitas com a illustre fidalga da Rebollosa, e que todo aquelle apparato de piedade christã e de santo amor do proximo, não passava de simples comedia, com que pretendiam disfarçar o escandalo dos seus amores peccaminosos.

A atoarda, partindo da loja do barbeiro, sobresaltou logo a população em peso

—Que sim, que não restava a minima duvida, affirmavam uns; olhos indiscretos, penetrando atravez do bosquesito de carvalheiras que rodeiava o solar dos illustres fidalgos, tinham presenceado o escandalo. Outros, porém, ardendo em santa indignação, recusavam-se a dar credito ao boato; que era uma falsidade—protestavam—uma infamia, que era a vibora da calumnia pretendendo inocular a sua baba peçonhenta no seio d'aquellas duas reputações immaculadas. Havia tambem um grupo que se não manifestava nem pró nem contra o que se dizia. Segundo estes, o demonio, sempre preverso, dá ás vezes as peiores apparencias ás mais puras intenções, e por isso era necessario não aventurar juizos temerarios.

A maledicencia, porém, ainda mesmo que injustificada sempre vae calando no animo dos que lhe prestam ouvidos: e tanto assim, que o bom do cura começou desde então a decahir sensivelmente do bom conceito em que era tido. Os camponios já lhe não tributavam a mesma veneração respeitosa; parecia até que o fervor religioso, que antes os animava, se havia esfriado n'elles a tal ponto, que aos actos do culto celebrados na modesta egreja do logar era cada vez mais diminuta a concorrencia de fieis.

Ao cura é que não passava desapercebido o que a seu respeito se affirmava: e, sabendo avaliar bem quanto havia de embaraçoso na sua situação, resolveu-se, comtudo, a luctar, escudado com a sua preponderancia clerical.

As suas homilias do domingo, depois da missa conventual, foram, d'alli em diante, quasi exclusivamente consagradas a combater doutrinariamente as descaridosas investidas de que estava sendo alvo.

Fallava então aos seus ouvintes, com uma grande exaltação devota, contra a maledicencia; trovejava apostrophes furibundas contra os detractores, praga damninha a que não logram escapar nem os bons nem os máus, que envenena e deturpa os actos mais reconditos, e cobre de lama repellente o que antes se ostentava brilhante e puro. Depois, exaltava a missão do padre, toda amor, toda abnegação, toda cheia de sacrificios e de dedicações, que eram, a maioria das vezes, retribuidas com a ingratidão, a calumnia e o insulto, por parte d'aquelles que, não podendo comprehender o que ha de generoso e de grande no homem que consagra a sua vida a enxugar as lagrimas do infortunio, a trazer ao caminho do arrependimento os transviados nas veredas do erro, a instruir os ignorantes, a fortalecer os fracos, e a firmar na virtude os corações desvairados pelo sôpro das paixões mundanas, se deixam possuir de uma inveja baixa e degradante, buscando pela calumnia e pelo vituperio marear o brilhante esplendor que os offusca.

Mas, como a intenção do padre fosse em demasia transparente, os poucos ouvintes que o escutavam sorriam d'elle á socapa, e cá fóra chacoteavam entre gargalhadas as suas palavras, que o seu procedimento completamente desauctorava.

No entanto, o escandalo ia tomando de dia para dia maiores proporções. Já ninguem duvidava, e os devotos andavam devéras sobresaltados com aquella profanação irreverente da dignidade sacerdotal.

—Ainda se fosse outro homem!—diziam as beatas cheias de indignação—mas um ministro do altar, um ungido do Senhor, o primeiro que devia dar o exemplo...

Como quasi sempre succede em identicas circumstancias, o marido foi o ultimo a saber da infidelidade de que sua mulher era accusada. Mas finalmente soube-o. Alviçareiros caridosos tomaram sobre si o encargo de o instruir de tudo, por meio de uma carta anonyma. Era uma denuncia formal, em regra. Ao lêl-a, o piedoso fidalgo ficou surpreso, boquiaberto, como que fulminado.

ZURBARAN. P. — H. CABASSON. D. — CARBONNEAU. SC.

A ADORAÇÃO DOS MAGOS

—Não é possivel!—exclamava elle sacudindo vertiginosamente os braços—isto não passa de uma calumnia infame. Minha mulher, tão boa, tão piedosa .. e o nosso cura, tão digno, tão respeitavel, tão sinceramente dedicado á Santa religião... Oh! uma infamia sem duvida. Minha mulher é um anjo, e o padre Roque um modelo da mais solida e austera virtude.

E n'um impulso de cólera, queimou a carta na chamma de uma véla

Comtudo, desde esse dia, e apesar da céga e absoluta confiança que depositava em sua mulher, o fidalgo sentia-se agitado, sombrio, cheio de uma preoccupação dolorosa, que debalde tentava affastar de si. Aquella denuncia affrontosa, tão precisa, tão cathegorica, tão formal, perseguia-o por toda a parte como um espectro implacavel. Não podia, comtudo, dar-lhe credito, e em tão afflictivo estado de duvida, que não poderia prolongar-se sem o matar de impaciencia, pensou que o melhor seria assegurar-se da verdade, para tranquillidade do seu espirito e do seu corpo.

Desceu, por isso á menos digna de todas as occupações—fez-se espião. E o que é mais, espião de sua propria esposa, da mulher que usava o seu nome! Era vil, e no seu intimo o fidalgo revoltava-se.

Durante mais de duas semanas, que lhe pareceram interminaveis, seguiu-a por toda a parte—á egreja, nos seus passeios, nas suas caridosas visitas aos pobres; vigiou prudentemente os seus menores actos, escutou com ouvido attento as suas conversações com o reverendo; mas nada, absolutamente nada descobriu que podesse, ainda que de leve, macular a reputação d'uma senhora digna e respeitavel. E como — apezar de quadrupedemente alvar—elle confiava em absoluto na sua perspicacia, sentia-se já muito tranquillo, e apenas o angustiava o remorso de ter dado credito á torpissima denuncia.

Uma vez o conde preveniu a mulher de que no dia immediato teria de ir a algumas leguas de distancia, tratar de um negocio importante, e que só voltaria á noite. Effectivamente ergueu-se de madrugada e partiu; mas, tendo concluido o seu negocio muito mais cedo do que esperava, regressou a casa, seria pouco mais de meio dia. O conde entrou, disposto a fazer uma surpreza a sua esposa. Para isso dirigiu-se, pé ante pé, e com o sorriso nos labios, para o quarto d'ella; receiando, porém, incommodal-a, espreitou primeiro pela fenda da fechadura. O que elle viu não sabemos nós; mas é de presumir que o espectaculo que se lhe offereceu não fosse de molde a deixal-o agradavelmente impressionado, pois que no mesmo instante, soltando um rugido surdo, deixou-se cahir sobre uma cadeira, tremulo, com o olhar esgaseado e a cabeça apertada entre as mãos, n'um gesto de desespero. Ao mesmo tempo ouviu-se no quarto um rumor estranho de passos precipitados, de vozes fallando baixinho. Então o fidalgo ergueu-se arrebatado, e dirigindo-se á porta, que apenas estava fechada na tranqueta, abriu-a. Entrando de subito no aposento, viu a piedosa dama prostrada aos pés do reverendo cura, de mãos postas, com os cabellos em desalinho, e um roupão em parte desabotoado, deixando-lhe quasi a nú o seio opulento.

O padre estava assentado n'uma cadeira d'espaldar, e com a mais imperturbavel serenidade murmurava lentamente estas palavras:

—*Ego te absolvo á peccatis tuis, in nomine Patris et Filiis et Spiritus Sancti. Amen.*

Depois, levantando-se e compondo as dobras da batina, voltou-se para o conde, que encarava aquella scena de braços cruzados, o rosto pallido e as feições transtornadas, e disse-lhe, apontando para a penitente com uma grande compuncção beata:

—Deus, sempre misericordioso, acaba de perdoar-lhe por intermedio do seu ministro. Lembre-se v. ex.ª de que a vingança dos homens não póde ir além da justiça divina.

E encaixando na cabeça o solidéo, fez-lhe uma profunda venia e saiu.

Magalhães Fonseca.

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa